



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS
LITERATURAS

EVERLÂNDIA DE AZEVEDO SILVA

DESLOCAMENTO E MEMÓRIA AFETIVA NA PERSONAGEM
CELINA EM *RAKUSHISHA*, DE ADRIANA LISBOA

PATU- RN
2021

EVERLÂNDIA DE AZEVEDO SILVA

**DESLOCAMENTO E MEMÓRIA AFETIVA NA PERSONAGEM
CELINA EM *RAKUSHISHA*, DE ADRIANA LISBOA**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, do Campus Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e respectivas literaturas.

ORIENTADORA: Prof.^a M.^a Francisca Laila
Ribeiro Pinto.

**PATU
2021**

© Todos os direitos estão reservados na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Property Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n ° 9.279 / 1996 e Direitos reivindicados: Lei n ° 9.610 / 1998. A mesma serviria de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e identificados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A994d Azevedo Silva, Everlândia de
Deslocamento e memória afetiva na personagem Celina em Rakushisha, de Adriana Lisboa. / Everlândia de Azevedo Silva. - Patu, 2021.

43p.

Orientador (a): Profa. M^a. Francisca Laila Ribeiro Pinto.

Monografia (Graduação em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Rakushisha. Memória afetiva. Deslocamento espacial. Protagonista Celina. I. Ribeiro Pinto, Francisca Laila. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

Em homenagem ao meu pai que tanto lutou para que eu fosse feliz em meus estudos e infelizmente não está mais entre nós.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela minha vida, e por me fortalecer diante de todos os obstáculos que surgiram no decorrer do curso e ao longo da realização desse trabalho;

À minha mãe Sonilene, por sempre estar do meu lado e jamais ter medido esforços para investir nos meus estudos;

À minha orientadora Francisca Laila, pela confiança e todo apoio na minha pesquisa. És um ser que inspira além da profissional que é na academia;

À minha sobrinha Ana Sofia, por fazer companhia nos meus dias de escrita;

À minha avó Izonaria, por motivar e inspirar com suas mensagens de voz enviadas às 4h da manhã no grupo da família;

Ao senhor paciência e meu noivo Matheus Vinicius, por estimular desde o início da graduação, somando nos momentos de alegria e minimizando os de tristeza e estresse;

Aos meus irmãos, sobrinhas, primos, tias, sogros e avô, que de todas as maneiras possíveis contribuíram para que essa formação se tornasse realidade;

Aos amigos, que me mandaram mensagens de apoio e não desistiram de mim, compreendendo minha ausência pelo tempo dedicado a monografia;

Aos meus colegas de curso, pelo companheirismo e pela troca de experiências;

À professora Annie Figueiredo e ao professor José Marcos por ter aceitado o convite e participar da banca examinadora desta pesquisa;

A todos que fazem parte do Campus Avançado de Patu – CAP/ UERN, em especial as meninas da cozinha pelos cafés, a diretora Cláudia por ter sempre saído em busca de melhorias para nós estudantes e às professoras do Departamento de Letras Vernáculas – DLV por todo aprendizado nas aulas e nas viagens de excursão.

Nem todo mundo vai compreender
isso tudo que você é
o que não significa
que você deva se esconder
ou se calar

o mundo tem medo
de mulheres extraordinárias

Ryane Leão, *Tudo nela brilha e queima*
(2017)

RESUMO

A presente pesquisa visa analisar a memória afetiva que se configura a partir dos deslocamentos e rememoração de lembranças da protagonista Celina no romance *Rakushisha* de Adriana Lisboa (2014). Após perder sua única filha, Celina vive durante seis anos em estado melancólico, mas tudo muda ao receber o convite da viagem para o Japão que a ajuda dispersar sua dor e buscar a si por meio de outros espaços e culturas. A categoria espaço aparece como elemento central para evidenciar as mobilidades de Celina pelas ruas citadinas de Kyoto que se transfigura em palco de recordação de memórias da sua casa afetiva. O evocar das lembranças acontece na medida que a personagem se relaciona com outras pessoas e escreve sua trajetória em seu diário. Dessa forma, foi necessário examinar como a protagonista se reconstrói nesse novo território e o amplia quando se desloca resgatando lembranças com a família. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi importante as contribuições de Doreen Massey (2008) que caracteriza os espaços como produto de inter-relações associado com as ideias de Sandra Regina Goulart Almeida (2015) sobre a geografia afetiva e da cidade; Regina Dalcastagnè (2012) com os mapeamentos e representações significativas das personagens femininas pelo espaço literário contemporâneo; Vladimir Safatle a respeito de ideias sobre o desamparo causado pelo luto (2018) e Henri Bergson (1999) sobre imagens e lembranças já internalizadas na mente. Com isso, será possível perceber como a transformação da protagonista Celina acontece e como o espaço contemporâneo é retratado a partir do romance.

PALAVRAS-CHAVE: *Rakushisha*. Memória afetiva. Deslocamento espacial. Protagonista Celina.

ABSTRACT

This research aims to analyze the affective memory that is configured from the displacements and recall of memories of the protagonist Celina in the novel Rakushisha by Adriana Lisboa (2014). After losing her only child, Celina lives for six years in a melancholy state, but everything changes when she receives the invitation to travel to Japan that helps her to disperse her pain and seek herself through other spaces and cultures. The 'space' category appears as a central element to highlight Celina's mobility through the city streets of Kyoto, which transforms into a stage for remembering memories of her affectionate home. The invocation of memories takes place as the character relates to other people and writes her trajectory in her diary. Thus, it was necessary to examine how the protagonist reconstructs herself in this new territory and expands it as she moves, rescuing memories with her family. For the development of the research, the contributions of Doreen Massey (2008) were important to characterize spaces as products of interrelationships associated with the ideas of Sandra Regina Goulart Almeida (2015) about affective geography and the city; Regina Dalcastagnè (2012) contributes to the mappings and significant representations of female characters throughout the contemporary literary space; Vladimir Safatle (2018) reflects on ideas about the helplessness caused by grief; and Henri Bergson (1999) about images and memories already internalized in the mind. With this, it becomes possible to see how the transformation of the protagonist Celina takes place and how the contemporary space is portrayed in the novel.

KEYWORDS: Rakushisha. Affective memory. Space shift. Protagonist Celina.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	MOBILIDADES CULTURAIS E AFETIVAS NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	11
2.1	O REAPRENDER A ANDAR DE CELINA.....	12
2.2	A GEOGRAFIA DA MEMÓRIA AFETIVA DA PROTAGONISTA	17
3	A VIAGEM DA MEMÓRIA AFETIVA COMO ESPAÇO POSSÍVEL.....	23
3.1	A MEMÓRIA COMO RESGATE DO EQUILÍBRIO AFETIVO DE CELINA	23
3.2	NO LIMIAR DO LEMBRAR E DOS ESPAÇOS É VOLTAR PARA SI	31
4	CONCLUSÕES POSSÍVEIS	38
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

A partir de estudos feministas, escritoras contemporâneas possibilitaram pensar em uma literatura brasileira dinâmica sem limitações ou implicações de representação de trajetórias de personagens mulheres, negros e imigrantes que transitam por espaços conturbados com histórias a contar. A migração dos cenários camponeses para os centros urbanos e posteriormente o surgimento da viagem para outros países implica no aparecimento de memórias e relações afetivas. Com essa evolução, os romances de autoria feminina seguem ampliando e mudando a perspectiva sobre a arte literária, ou seja, ela não se dissocia de questões políticas e culturais como foi idealizada por muito tempo, mas sim estão intrinsecamente ligadas pelo efeito e afeto que causam nas pessoas e o principal questionamento dessas é sobre a presença e protagonismo de personagens femininas.

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como propósito analisar a memória afetiva que se configura a partir dos deslocamentos da protagonista Celina dentre os espaços físicos e psicológicos feitos desde a sua cidade natal, Rio de Janeiro, à viagem para a cidade de Kyoto. Portanto, será necessário compreender como são produzidas as emoções da personagem, especificamente as que são decorrentes da perda da filha, do luto e da mágoa pelo ex-marido. Como também investigar sua aceitação do convite de fazer a viagem e a inter-relação com Haruki – personagem secundário para nossa pesquisa – e o poeta Bashô, seu guia espiritual e inspiração. Observar o reencontrar de si por meio da imigração, a liberdade de transitar pelas ruas de Kyoto e a transformação, possibilitados pela dinamicidade e interações do espaço contemporâneo.

A motivação para esse estudo partiu de discussões e inquietações do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC por meio do projeto Começar de novo: o espaço afetivo de Celina em *Rakushisha*, de Adriana Lisboa, quanto pela necessidade de visibilizar escritas de mulheres, bem como também ampliar as interpretações do texto literário que detém de variados assuntos significativos que podem ser trabalhados.

Sendo assim, esperamos refletir sobre temáticas acerca de gênero e a categoria espaço nas escritas literárias contemporâneas e também entender as transformações que seguem acontecendo nas representações de personagens femininas: os deslocamentos através de viagens e espaços urbanos e por meio destes, o afloramento de emoções e memórias afetivas.

Desse modo, o romance *Rakushisha* (2007) de Adriana Lisboa, apresenta personagens viajantes que saem do seu país de origem para o Japão, dentre elas, Celina uma protagonista mulher que necessita se distanciar do seu cotidiano e de lembranças dolorosas da morte da filha e da raiva do ex-marido que já a persegue durante seis anos. O texto literário é construído por fragmentos espalhados no tempo e resgatados por meio da memória da personagem que vai sendo registrada em um diário. A viagem e o espaço da cidade de Kyoto possibilitam Celina se relacionar com outras pessoas, culturas, lugares e referências, a principal delas é o mestre Matsuo Bashô, que então se torna sua inspiração para escrever seu diário e a saber lidar com a solidão para retornar a sua casa afetiva.

Adriana Lisboa natural do Rio de Janeiro é autora de seis romances, além de poeta e contista, é também graduanda em música e mestra em literatura brasileira e doutora em literatura comparada. A autora destaca em seu romance as inter-relações e afecções e dá protagonismo a uma personagem feminina para percorrer lugares antes considerados masculinos. Celina sai em trajetória pelo mesmo caminho do poeta Bashô para reconstruir sua história sempre expressando o seu olhar sobre o limiar do Brasil e Japão. Seus movimentos são marcados por passagens em metrô, templos, praças, ruas e cafés, consequentemente ocasionando o alargamento territorial para sua circulação. Lisboa, quebra a linha de caracterização nacionalista ao elaborar uma figura imigrante que se destaca distintamente dos outros sujeitos e narra acontecimentos tanto de seu passado, quanto do seu presente.

Dessa forma, a categoria espaço é um dos elementos importantes para entender a evolução e revolução de escritas romanescas de autoras e autores a partir do século XX. É notável a presença da viagem nas narrativas literárias que marcam os deslocamentos das personagens femininas, ainda mais comum na literatura contemporânea, mudando a perspectiva sobre elas. Como discute Regina Dalcastagnè (2012) as obras até os anos 1950 incluíam as mulheres, mas elas não compõem o mapa urbano. Nesse sentido, a autora aponta que as primeiras mulheres ao saírem das amarras impostas pela sociedade e por suas famílias foram as que buscavam melhorias de vida – estas, na maioria das vezes, pobres – eram mães solo ou mulheres que não aceitavam sobreviver nos moldes que foram impostos.

Com o desenvolvimento dos centros urbanos as narrativas passaram a dar mais atenção para aquelas que sempre fizeram parte do espaço urbano, as mulheres, porém eram relegadas e invisibilizadas das histórias. No entanto, a protagonista de *Rakushisha* aparece nos espaços urbanos livremente para andar pelos horários que for de sua vontade, frequenta cafés e estações, se relaciona e interage com estranhos, é escritora de um diário e fala de assuntos considerados tabus para uma mulher, como as relações sexuais com o ex-marido. Celina não só se desloca

pelos espaços citadinos, como também viaja por vontade e condições financeiras próprias para outro país com uma pessoa que conhece a pouco tempo.

Os espaços possuem caracterização e sentidos distintos em diferentes áreas do conhecimento e por isso somente a literatura enquanto arte contemporânea torna possível analisar a categoria espaço envolvendo questões políticas, estéticas e culturais. Há muito tempo as narrativas brasileiras negaram a presença da multiplicidade de gênero, raça e migrações apenas para patentear a classe branca, masculina e nacionalista. Devido a isso, examinamos como o espaço contemporâneo está caracterizado no romance *Rakushisha* e é representado por meio da memória afetiva e deslocamento da protagonista Celina.

Os procedimentos metodológicos adotados para essa pesquisa são de caráter qualitativa-interpretativa. Em relação a fundamentação teórica recorreremos a autores como Vladimir Safatle (2018) com ideias sobre a circulação dos afetos pelos corpos, em específico o luto, o sentimento de desamparo e negação que recebem esses corpos ao perder algo ou alguém querido; Henri Bergson (1999) por meio de experiências sobre o inconsciente de que o mundo exterior é construído através de imagens e lembranças já internalizadas que vão sendo resgatadas na medida que houver o contato com o mundo material, ou seja, o presente sempre recorrerá ao passado para fazer sentido.

Além discussões de autoras como Regina Dalcastagnè (2012) a respeito das trajetórias de personagens femininas por espaços contemporâneos; Sandra Regina Goulart Almeida (2015) acerca das mobilidades culturais e geografias afetivas no espaço urbano, e Doreen Massey (2008) por meio de suas proposições sobre o espaço, este sempre aberto e nunca acabado, gerado a partir das identidades e múltiplas trajetórias que vão surgindo no decorrer da história.

Essa pesquisa está organizada em dois tópicos com subtópicos. O primeiro tópico está intitulado como *Mobilidades culturais e afetivas na literatura brasileira contemporânea*, nele ressaltamos o aparecimento e a transformação de personagens, principalmente mulheres, nos espaços urbanos das narrativas brasileiras no contemporâneo. Já o tópico nomeado *A viagem da memória afetiva como espaço possível* analisa a trajetória de Celina, desde o sofrimento do luto no Brasil ao desprender dele por meio da viagem no Japão.

2 MOBILIDADES CULTURAIS E AFETIVAS NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

A literatura contemporânea possibilitou duvidar de narradores, sofrer com o destino sem rumo de personagens, entender um pouco mais da “criatura” “autores/autoras” em meio a um espaço igualmente conturbado e conflitante. O espaço aparece na narrativa não apenas como um elemento estético ou pano de fundo, é também um atuante importante que é transformado a partir das ações das personagens. Como diz Almeida (2015), é a partir do início do século XXI, que a cena da narrativa literária surge como representação de gênero e de mapeamentos de múltiplas trajetórias, enfatizando as relações emotivas e trocas culturais entre sujeitos e espaços contemporâneos. É notável, portanto, o amadurecimento dessas escritas que se dá por meio do aparecimento de autores e autoras que problematizam as movimentações e transformações por parte, tanto das personagens quanto dos espaços, antes estáticos e constantes, gerando uma política de afetos referente ao corpo e a mente

Em vista disso, podemos falar de uma política de afetos que diz respeito às questões físicas e sentimentais em que, conseqüentemente, leva a um posicionamento ético de quem se propõe a escrever. É após o surgimento da teoria feminista que as autoras se sentem afetadas por tamanha mobilidade geográfica, o que faz com que também o ato de afetar possibilite uma possível transformação do território, logo tudo isso atravessa a necessidade de representação na literatura. Com isso, escrevem e dão vida a personagens mulheres que transitam por diferentes espaços deixando suas marcas e impressões, essas ao fazerem esse trabalho acabam registrando sua existência.

Dessa forma, Celina é um dos resultados dessa escrita literária feminista, ela é caracterizada de forma livre, responsável por movimentos transculturais, transnacionais e afetivos, por meio de memórias que levam os que leem a sentir junto com ela, desde suas dores e angústias aos momentos bons e de liberdade que contribuem para a construção de sua identidade. É em *Rakushisha*, que a personagem se desloca entre países e espaços citadinos para entender o processo de lidar com o luto e memórias reprimidas vividas com sua família, essas memórias serão o resgate e transformação do seu novo ser.

Nos serviremos das discussões de autoras como Regina Dalcastagné (2012) para entender a busca contestativa por legitimidade, como também, os mapeamentos e representações transformativas das personagens femininas pelo espaço contemporâneo brasileiro. Já Sandra Regina Goulart Almeida (2015), mostrará um encadeamento de opiniões

resgatando outros autores e autoras para poder comparar e perceber a virada afetiva e a geografia das cidades que norteiam essas protagonistas femininas. Além de Doreen Massey (2008) que apresenta o espaço em três proposições: reconhecê-lo como produto de inter-relações, compreendê-lo como a esfera da possibilidade para existir e percebê-lo sempre em construção.

2.1 O REAPRENDER A ANDAR DE CELINA

Na era contemporânea, a categoria espaço tem se destacado pertinentemente como crítica para refletir sobre as composições espaciais nas narrativas, passando a abordar o protagonismo feminino, as transformações, as viagens, pluralidades e afetividades que já se faziam presentes, mas eram negligenciadas por uma estética estruturalista e essencialista. Portanto, a contemporaneidade está singularmente relacionada com o tempo, é necessário revisitar o passado e tomar como base sua obscuridade, para tentar iluminar suas lacunas e entender o propósito da existência contemporânea (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 42, apud ALMEIDA, 2015, p. 18-19), mais do que isso, olhar somente de um ponto de vista é não entender toda uma caminhada transformativa nos espaços dos romances, principalmente no quesito da literatura brasileira.

É através dos movimentos mapeados pelas personagens por diferentes lugares que são construídas as novas narrativas literárias e não mais, de modo como o espaço se solidificava em um determinado ambiente, que somente personagens masculinos saíam e voltavam, tinham seu protagonismo e papel de herói com a promessa de casamento com a mocinha camponesa, de característica delicada que estava sempre a sua espera. As novas narrativas aparecem permeadas de personagens femininas que não se contentam em estar apenas no espaço fixo do ambiente familiar, são protagonistas que viajam por outros países marcando os lugares por onde passam e relatam as sensações e sentimentos que evocam através de experiências pessoais afetadas.

Portanto, não se trata aqui sobre espaços inativos que servem como pano de fundo, mas sim, dos quais são palcos de transformações de personagens femininas, que dão inspiração às construções literárias brasileiras. Como modelo de força representativa na literatura nacional, Conceição Evaristo em suas obras retrata questões de gênero e de minorias, dando vida a personagens mulheres negras e negligenciadas por muito tempo nas narrativas. Esses romances são essenciais para descrever que não é somente sobre trabalhar o protagonismo feminino, mas

também a busca incessante a respeito das distinções entre elas, como estão sendo representadas e como se relacionam para a construção de sua identidade.

Por mais que seja percebido o alargamento nos espaços de publicação permitindo vozes e escritas de mulheres, essas acabam não tendo o reconhecimento que merecem, infelizmente, devido a literatura brasileira ainda se manter fortemente homogênea. Assim, se fixando uma hierarquização patriarcal e racial, onde homens brancos de alta sociedade, com mesmas profissões e residentes da mesma cidade são sempre os autores contemplados, deixando à margem aqueles que lutam dignamente para legitimar e ocupar seu lugar de fala, que é “roubado” para privilégio próprio por esses autores que se mantêm no topo.

Dessa maneira, é difícil pensar nesse contexto contemporâneo brasileiro e não questionar um conjunto de fatores que são problemas falsamente solucionados e a cada vez que é vasculhado algo sai de seu lugar. É em cima desses problemas, que muitas autoras da atualidade escrevem incansavelmente com a sugestão de escancará-los e “resolve-los”. Neste viés, a autora Adriana Lisboa escreve sobre uma protagonista mulher que sofre com o luto por ter perdido sua única filha de apenas sete anos de idade em um acidente automobilístico com o pai. Esse luto ocasiona na personagem um desamparo que a leva viver durante seis anos isolada em sua casa em depressão.

Essa personagem mesmo carregando dores se mantém forte e não se limita em falar sobre seu sofrimento que vai sendo aliviado na medida que inicia sua caminhada internacional e cultural. A melancolia que carrega durante a sua trajetória é resquício da mãe que existe em negação da morte da filha, devido isso seu luto só poderá ser resolvido quando perder o medo e fizer a travessia pelas lembranças do dia do acidente e entender que a vida é uma passagem e ninguém é proprietário de si. A perda da filha a faz perceber que nada tem mais significado ao seu redor e por isso sente a necessidade de sair da sua casa e se deslocar por outros lugares para se redescobrir.

Lisboa traz uma narrativa com personagens que se deslocam tanto de forma física do seu país de origem, Brasil, ao Japão, como também psicológica, do presente às suas memórias do passado. A autora apresenta de forma fragmentada a vida da protagonista Celina, e somente aos poucos é que vai sendo revelado a complexidade desta. Celina é uma bordadeira que após seis anos ainda está em luto pela perda de sua filha e luta a cada dia em busca de superar sua dor por meio de pequenas ações como “um passo de cada vez” (LISBOA, 2014).

É no metrô que pegou na estação de Botafogo que conhece Haruki, um desenhista que trabalha com ilustrações e tenta ler um livro em japonês, que desperta a atenção de Celina e o pergunta a origem dos escritos. Passam a se encontrar algumas vezes, antes da viagem de

Haruki ao Japão à trabalho para conhecer mais sobre a história de Matsuo Basho, já que seria o diário desse que ele iria ilustrar. No último encontro Haruki convida Celina para ir junto, mesmo que a conversa não tenha passado apenas de xícaras de cafés. O conturbado espaço urbano carioca em que vivia contrasta com a pessoa retraída, tímida e infeliz que era Celina e ao ser convidada para acompanhar Haruki, em primeiro momento ela reluta, mas depois aceita.

O diário de Bashô se transfigura como passaporte de Celina para conhecer o Japão e sua cultura, pois é a partir dele que surge o convite para a viagem e logo após o entendimento de saber lidar com as lembranças do luto. Totalmente devastada por ter perdido a filha, a protagonista vagava entre os cômodos de sua casa sem forças para viver, portanto, é a partir da viagem e da leitura do diário do poeta, que a personagem inicia um processo de reconstrução interna e externa voltando a registrar sua existência. O contato e a leitura do diário servirão não apenas como trocas culturais entre ocidente e oriente, mas também como conexões entre Bashô e Celina de memórias passadas.

Desde sempre as viagens existiram nas narrativas, mas o cenário e movimento de personagens eram limitados, pois, enfatizavam apenas a linearidade e enquadramento de romances de estéticas puramente nacionalistas. Como reflete Pires (2014) a viagem é marcada em três momentos na cultura brasileira: período oitocentista com a figura do viajante naturalista que estuda as paisagens do Brasil na busca de conhecer fenômenos naturais, no século XIX com o personagem jovem e mundano que sai de seu ponto de origem para se formar em terras europeias, e durante o século XX com o imigrante que surge em busca de sobrevivência.

São histórias com poucas movimentações e diferenciação de cenários, assim não descrevendo as transformações e influências que os espaços criavam nas vivências e personalidades das personagens, se tornando algo vago, ambos dissociados. É notável por exemplo, na trama do estudante mundano, já supracitado, que os leitores não eram levados a acompanhá-lo na viagem a outro país para que entendessem como a personagem transita e observa o novo território que o faz adotar novos costumes, ele se ausenta enquanto sua vida vira assunto de conversação e lembrança por meio de sua família, ou seja, a personagem viaja, e volta a aparecer já formado com o desejo de reformular o seu país em moldes europeus. Portanto, o espaço dessa narrativa se fixa no local de partida.

Com o acompanhamento de migrações na literatura contemporânea para o espaço urbano, bem como também a imigração de culturas, as personagens em lugares fixos estão cada vez mais ausentes das narrativas brasileiras. Com a entrada e saída das pessoas por diferentes países e a crescente urbanização, o cenário citadino se tornou espaço privilegiado nas escritas

da atualidade, trazendo à tona também os efeitos das mudanças como a diversidade, instabilidade e desajustes do sujeito contemporâneo frente aos embates sociais e psicológicos.

Por volta dos anos 1895, há certas aparições de histórias de imigrantes japoneses relatadas através do olhar de viajantes brasileiros como Aluísio Azevedo e Oliveira Lima. O primeiro com a obra *O Japão*, enquanto o segundo com a obra *No Japão: impressões da terra e da gente* (VEJMELKA, 2014, p. 213), produções como essas eram ainda influenciadas pelos modelos europeus contemporâneos. Mais adiante, na época do modernismo, surgem exceções nos romances e contos de alguns personagens de origem nipônica, entretanto, o que não se encontra é a autonomia de escritores nipo-brasileiros.

Ainda na tentativa de retratar sobre essas entidades, em 1980 é que começa a perfilar em teor autobiográfico, uma generalização da imigração no campo literário. Apesar de ser uma temática que estava sempre buscando marcar sua presença, essas produções não conquistam rapidamente seu espaço de destaque na literatura brasileira. Segundo Marcel (2014), somente em 2012, é reconhecido nacionalmente o primeiro romance de autoria e temática nipo-brasileira *Nihonjin*, que destaca a presença japonesa no Brasil, possibilitando trocas culturais e históricas com esses imigrantes. Surgindo também múltiplas trajetórias de descendentes já habituados à cultura do Brasil.

Essas imigrações pelo espaço contemporâneo fazem perceber a dinamicidade dos lugares mapeados pelas personagens Celina e Haruki. Os seus deslocamentos servem como guia para entender os contrastes entre os espaços do ocidente e oriente. O Japão aparece caracterizado pela modernidade das cidades, delicadeza e leveza dos japoneses. Uma das regras mais conhecidas é o ato de tirar os sapatos para entrar em alguns lugares considerados sagrados, já o Brasil é descrito pela euforia: não existem máquinas automáticas e sim vendedores ambulantes, não havia silêncio zen, pelo contrário era tocado *funk* como música ambiente.

Portanto, Celina e seu companheiro de viagem são imigrantes cheios de memórias e transformações significativas aderidas dos espaços que visitam, se reconstruindo por meio das suas impressões. Figuras importantes que aparecem em primeiro plano, reconfigurando-se em novas imagens, deixando para trás o modelo europeu. Lisboa ao construir o personagem Haruki de origem nipo-brasileira resgata resquícios de imigração japonesa no Brasil. Ele é uma representação da presença de japoneses na literatura brasileira contemporânea, escrito por uma autora que cuidadosamente faz leituras e interpretações de como se constroem esse povo e essa cultura no contexto literário brasileiro.

Porém, é através dos deslocamentos e memória da protagonista carioca Celina, que a cultura e a cidade de Kyoto no Japão vão tomando forma na narrativa, como podemos perceber

no trecho: “tomo o ônibus de número vinte em frente ao jardim público sempre limpo [...] até a estação Katsura e dali os caminhos podem variar [...] normalmente vou até Karasuma de trem. Dali posso ir a pé [...] ou fazer baldeação para o metrô em Karasuma-Oike” (LISBOA, 2014, p.15). Ao se localizar em um novo espaço, ela sente desejo em desbravar o desconhecido, no entanto por mais que se desloque territorialmente ela sempre carregará consigo suas lembranças, principalmente o seu título de mãe apesar da morte da filha. Seus passos servem como ponte entre seu passado e presente, e ao perceber esse novo espaço que se encontra ela reformula as histórias que viveu com a família.

Como explica Santos (2001), falar em análise literária é pensar, imediatamente, no espaço físico em que transitam as personagens, e isso é uma forma de privilegiar as relações que os sentidos estabelecem, principalmente, na cultura ocidental moderna que há o predomínio do sentido da visão. Dessa forma, o espaço é configurado através do corpo e a ocupação nesse, e em especial por aquele que se ver. E assim, a personagem de *Rakushisha* segue através dos espaços de Kyoto, observando e transformando esses lugares, ao passo que se permite afetar em uma nova mulher imersa a outros gestos, personalidades e movimentos.

Mesmo permanecendo solitária por não saber a língua de origem daquele país, Celina não se sente mais como antes, ela positivamente abraça sua solidão e faz de sua companhia no novo lar: “mas era uma casa. Era uma casa segura [...] na solidão de Kyoto, aquela afável solidão acompanhada” (LISBOA, 2014, p. 57), além disso, ela também gostava de ser anônima, não queria deixar visível o seu sofrimento, quando nos relata que:

Sou do outro lado do planeta. Pode-se dizer que vim escondida dentro da bagagem de outra pessoa. É como se eu estivesse entrado clandestina, apesar do visto no meu passaporte. De fininho, para que não me vissem, para que não me vissem, para que não vissem as coisas invisíveis que eu trazia na mala. (LISBOA, 2014, p. 11-12)

A bagagem a qual Celina se refere é a de Haruki, pois não havia se planejado para essa viagem, mas embarca para viver novas experiências e construir uma nova identidade, tentando apagar o que passava no Rio de Janeiro. Inicialmente se sente alheia por desconhecer a língua e cultura do Japão, mal sabia Celina que essa viagem repentina se tornaria um grande propósito em sua vida.

Ainda confusa, ao caminhar, a personagem questiona o sentido de seus passos, e menciona que “ainda não sei se andar equivale a lembrar, se equivale a esquecer, e qual das duas é meu remédio” (LISBOA, 2014, p. 12). Essa inquietude se torna um dos pontos cruciais para que ela possa encontrar o significado da vida e o seu reaprender a andar. Celina, enfim,

começa a refletir se as memórias de sua casa afetiva devem ser simplesmente apagadas ou lembradas para serem resolvidas.

É a partir do ato de se posicionar e se relacionar reflexivamente e materialmente, que a personagem destaca sua existência, pois, “o ser é porque se relaciona, a personagem existe porque ocupa espaços na narrativa” (SANTOS, 2001, p. 68). Ao se permitir “ser”, através das inter-relações com outros povos, costumes e histórias, a protagonista movimenta e registra os acontecimentos psicológicos e físicos que se formam. Essa conexão acontece devido aos afetos carregados por Celina, que acabam retribuindo para que ela receba afetividade do espaço nipônico, rememorando as lembranças com sua família, ou seja, por meios desses espaços ela afeta e é afetada.

2.2 A GEOGRAFIA DA MEMÓRIA AFETIVA DA PROTAGONISTA

As mobilidades e trânsitos pelos espaços urbanos possibilitaram uma maior captura de detalhes e dinamização das relações. São situações oportunizadas pelo cenário narrativo contemporâneo, que é alargado na medida que as personagens se movem e interagem. A cidade, portanto, é símbolo de socialização e diversidade humana, de pessoas que não se conhecem ou reconhecem, mas convivem em um mesmo espaço, o mesmo acontece com o texto em análise. Por meio dos passos de Celina temos o contato com os espaços do Japão, ela é atraída pela conexão dos afetos conservados naquele lugar que tantas pessoas já passaram. A protagonista mesmo não se comunicando oralmente por não entender a língua do país, busca sempre se relacionar com os pontos turísticos e o dia a dia dos japoneses.

O envolver da personagem com o novo espaço provoca o afloramento de suas lembranças passadas, efetivando então o processo da memória pessoal pela memória social fazendo uma troca. Dessa maneira só prova que o espaço deve estar em aberto para novas múltiplas relações e que se há a oportunidade de evocar as lembranças é porque o momento exige. Portanto, a geografia espacial é dotada de costumes, crenças e lembranças deixadas por antepassados e na proporção que acontecem novas chegadas tudo vai sendo resgatado e registrado.

Com a não limitação que acontece no cenário contemporâneo, é cada vez mais recorrente discussões acerca de temáticas de gênero e a relação com espaço envolvendo o contexto da globalização, levando a repensar sobre a significação desse termo. Dessa forma, Spivak reflete que a antiga definição de globalização se encontra ultrapassada. Em oposição a

esta, seria considerável usar o conceito “planetariedade”, que enfatiza sobre a multiplicidade e humanidade do planeta desde o sentido pessoal ao inter-relacional. Essa nova expressão dispõe-se de uma atualização dos processos sociais nas escritas, pois as geografias atuais constata-se com a prevalência de categorias afetivas e emotivas (SPIVAK, 2003, p. 72, apud ALMEIDA, 2015, p. 23).

Isso ocorre em consequência da inclusão de mulheres como autoras e personagens na literatura brasileira contemporânea. Há, portanto, uma contestação para estar nesse espaço. Essa nova era marca-se pela liberdade de expressar as emoções e afetividades trocadas entre corpos e movimentos geográficos por conta das sensações que são transfiguradas em afetos e posteriormente as ações e reflexões.

A imposição e silenciamento sobre esses corpos fizeram efeito contrário, ao não suportarem mais carregar o fardo de serem definidas como frágeis, de terem que cuidar do lar e estarem sempre à disposição do homem, saem ao encontro com outros espaços, e o contato com esses fazem sentirem-se extasiadas, compreendendo que é necessário compartilhar e influenciar outras a arrebentar as correntes que lhes prendem.

Desse modo, Celina é um dos retratos contemporâneos de personagem feminina, pois não há elementos que a limite de se deslocar pelos espaços de Kyoto, ela anda por metrô, estações, ruas, parques, templos e supermercados. Em nenhum momento da trama é questionado o fato dela ser uma mulher e não poder se locomover, pois toda a narrativa de Lisboa deixa claro, com palavras não ditas que o machismo ou outro pré-conceito não norteiam a vida das personagens.

Portanto, a protagonista representa sujeitos incansavelmente em trânsito por culturas contemporâneas, que ao compreender a carga histórica pluralizada e heterogênea nesses espaços, as levam a se correlacionar afetando sua forma de agir e pensar. Ela representa uma das transformações sociais mais significativas ocorridas ao longo da história literária brasileira, em que as mulheres passam a estarem mais presentes e ativas nos espaços públicos antes delimitados aos homens.

As geografias das memórias afetivas também se fazem presentes na narrativa de *Rakushisha*. A personagem recorda situações do Brasil no espaço do Japão, evoca lembranças por meio do silêncio, objetos, cheiros e leitura dos poemas de Bashô tentando provocar os afetos que a liga a sua família. São imagens que surgem a partir de outro país que não fez parte do seu “eu”, mas é o qual ela se encontra implicada. O luto ainda sobrevive através das lembranças reprimidas do passado e Celina tenta resgatá-lo para sentir a dor e superá-lo na tentativa de se reconstruir, pois o que antes sabia sobre si se desfez.

A ligação entre o destino da protagonista e Haruki acontece por meio do diário do poeta Bashô. Momentos antes de conhecer Haruki, Celina estava a pensar na família da sua mãe, era dela que vinha o dom e a magia do bordado, tinha sido por meio de uma bolsa em homenagem a umbanda que sua mãe finalmente havia engravidado e era por meio da agulha e da linha que Celina conseguia trazer de volta as lembranças da casa onde nasceu.

Mas de repente seu devaneio é atraído para a realidade de algo, ela ver “uma capa de um livro que um sujeito lia no vagão do metrô figuras semelhantes a bordados. Letras. Seriam japonesas ou chinesas?” (LISBOA, 2014, p. 30-31). O formato das letras parecidas com bordados chama sua atenção e coincide no momento que pensava na mãe e na avó bordadeira. E que mesmo estando outras pessoas presentes ali no metrô de Botafogo, é justamente Haruki o rapaz que viajaria pro Japão, com a posse do diário de Bashô, que desperta a curiosidade da moça bordadeira.

Como diz Almeida (2015), as mobilidades contemporâneas pluralizam os espaços e estes estão articulados as geografias do afeto que circulam tanto por meio das emoções quanto das ações capacitadas por interações e ambas personagens possuíam passados mal resolvidos e nisso se relacionam afetivamente. Era necessário esse encontro para que viajassem juntos e resolvessem suas angústias através dos deslocamentos e conhecimento das terras e cultura do poeta Bashô. As situações passadas não resolvidas de ambos eram de caráter emocional, cultural e psicológico.

Nesse sentido, ocorre uma circulação de afetos através desses corpos, porém, é entre Celina e Bashô que predominam as trocas afetivas. O primeiro contato é tido por meio da leitura do diário, ela relata: “aproximo-me do livro. O diário de Bashô em Saga. São cinco e dez, uma tarde úmida e clara. Sozinha vejo, Kyoto do alto” (LISBOA, 2014, p. 49). Sucede-se uma transformação que afetará em seu modo perspectivo de olhar a realidade que a cerca - questiona, reflete, pensa e age - notando agora os mínimos detalhes e os objetos que tinham no apartamento que estava hospedada.

Ao sair de sua bolha ocidental, Celina vai despertando e se permitindo ir mais longe através dos seus sentidos, percebendo por meio dos objetos a passagem de pessoas que estiveram ali no apartamento e tentaram de alguma forma recepcionar os próximos deixando “um filtro de café. Duas únicas e idênticas taças de vinho. Pratos descasados, xícaras de chá idem. Um resto de amaciante de roupas e um pouquinho de detergente. O aparelho de fazer arroz. (LISBOA, 2014, p. 50)”. Aqui acontece a compreensão do quanto é importante deixar marcada de algum modo sua presença, mostrar sua existência e receptividade por outros espaços.

Os registros deixados por essas pessoas no apartamento geram em Celina pequenas ações que motivam a sua caminhada, tanto da superação do luto, quanto da viagem. Percebe que tudo é efêmero e tem necessidade de firmar sua passagem, a busca por si, posteriormente, a inspiração no poeta - desperta o olhar cuidadoso e a leva entender e logo registrar - faz com que ela compre um diário para escrever sobre seu passado no Brasil e seu presente de reaprendizagens no Japão, e diz:

comprei um caderno. O caderno se tornou um diário. Só depois disso me lembrei do poeta Matsuo Bashô e de seu Saga Nikki, o Diário de Saga. O diário que Bashô escreveu perto daqui, quando esteve de visita pela segunda vez ao seu discípulo Mukai Kyoray. (LISBOA, 2014, p. 35)

Os haicais do filósofo lidos pela protagonista ocasionam a identificação da sua história pessoal e cultural, ela encontra em Bashô uma ponte para as suas memórias que tanto se recusava a reviver, pois havia traumas que ela temia enfrentar. O poeta tinha perdido seu âmo, deixado sua vida profissional e pessoal para buscar na vida de viajante, algo melhor ou um propósito, já ela perdeu sua filha e com ela as esperanças de ter um ponto fixo de morada, saindo da posição passiva para ativa ao sentir a necessidade urgente de se deslocar. São trajetórias divergentes de tempo e espaço que são transfiguradas pela personagem em histórias relatadas em seu diário.

Lisboa, mesmo não deixando dito ou visível, problematiza nesse ponto da transição transformativa de Celina. A morte da filha a impulsiona a sair do espaço privado para se movimentar por espaços públicos. A autora, na narrativa, desconstrói por meio do acidente os laços da família, sendo um dos motivos do deslocar da protagonista. Esse contraponto desfaz as amarras da perspectiva de ver essas mulheres sempre construídas no espaço do lar, como diz Dalcastagné:

são apagadas de nossas ruas, praças, prédios públicos - como se nada tivessem a fazer ali, como se nada tivessem a dizer da vida nesses lugares. E isso não acontece apenas nos textos produzidos por homens. Também nas narrativas de autoria feminina as mulheres costumam estar circunscritas ao espaço da casa, aonde irão se desenrolar seus dramas e, quando possível, suas alegrias. (2012, p. 124).

O caminhar de Celina pelas ruas citadinas de Kyoto vai deixando notoriedade da liberdade que ela possui de transitar por qualquer horário, mapeando os diversos pontos desse espaço urbano. Ela é uma mulher fora das normas por se movimentar por lugares e horários “classificados” masculinos, portanto, os espaços mapeados e atitudes da protagonista são de caráter inteiramente atuais, ela viaja com uma pessoa que conhece a pouco tempo, é de sua

vontade não se relacionar sexualmente, é independente, frequenta cafés e fala com estranhos, essas são algumas das suas múltiplas trajetórias que a mantém sempre em trânsito.

Esses relatos dos deslocamentos das personagens por espaços contemporâneos surgem das possibilidades dos diversos meios de registros que a literatura tem, como diários, testemunhos e memórias. No caso do romance em análise, essa possibilidade surge tanto por meio do diário e memória de Celina, quanto pela visão de Haruki narrada em terceira pessoa. São diálogos que criam uma rede de afetos e de comunicação entre as personagens.

Rakushisha traz intercalações de trechos do diário de Bashô e as vidas de Celina e Haruki. Entre interrupções de uma cena e outra, aos poucos é que vão sendo revelados os acontecimentos, exigindo mais atenção e interpretação para que se possa compreender. Esse aspecto amplia o espaço da narrativa, mostrando as impressões de cada personagem e a efetivação das visões que possuem dos lugares que habitam.

Essas ampliações do espaço contemporâneo, permite pensar que tudo é possível, pluralizado e coexistente. Ele só existe em decorrência da existência das personagens, e isso somente quando interagem e dialogam, acabando por despertar as inter-relações entre espaço, identidades e entidades desde a imensidão do todo ao intimamente mínimo. A espacialidade na vida de Celina só passa a existir quando ela sai de casa e se relaciona com outras pessoas e outros espaços, desde os encontros no Rio de Janeiro com Haruki, à viagem feita ao Japão. Esse ponto é coerente ao que diz a segunda proposição do espaço elaborada por Massey (2008), é uma esfera da existência que gera multiplicidade, contemporaneidade, heterogeneidade e pluralidade. São geografias das relações e das necessidades na criação espacial e identitária.

Neste viés, a protagonista é uma mulher cheia de questões para resolver e passeia desde os espaços privados aos públicos. A cada passo dado acontece uma lembrança de sua dor para que possa solucionar. Isso mostra que tanto a personagem quanto esses espaços estão em construção contínua, e não em processo fechado e enquadrado como é caracterizado nas narrativas modernistas, como acrescenta Massey que:

as estruturas do progresso, do desenvolvimento e da modernização, e a sucessão de modos de produção elaboradas dentro do marxismo, todas elas propõem cenários nos quais as direções gerais da história, inclusive o futuro, já são conhecidas (MASSEY, 2008, p.32).

Por mais que essas teorias queiram provar que o espaço já é pronto e imutável, a história se mostra totalmente ao contrário, sempre em movimento. Só é possível a criação de novas histórias se o futuro estiver em aberto para a heterogeneidade, assim possibilitando um campo político que possa fazer a diferença. Como diz Massey (2008) em sua terceira proposição, o

espaço é reconhecido sempre em construção, jamais acabado ou fechado, pois, esse é constituído de relações-entre e relações que estão embutidas e que são efetivadas no processo de fazer-se.

Portanto Celina vai se redescobindo na mesma medida que vai reinventando os fenômenos do espaço de Kyoto. Essa reinvenção possibilita relembrar seu passado e se ver diferente do que já viveu e assim seguir continuando a busca de si. Celina mantém sempre em transição não só seu corpo, mas também a visão sobre esses lugares, fazendo a relação de seu passado e presente. Seu olhar de estrangeira a faz admirar e experienciar a paisagem e costumes das terras nipônicas e com isso relembra sua cidade natal, Rio de Janeiro, a tudo que viveu para ter a oportunidade de ter chegado até o momento.

A personagem associa o acontecimento de uma noite com a de alguns anos atrás antes de existir em si a escuridão do luto. Ela volta a enxergar as cores mesmo sendo no escuro “perto das montanhas, o céu era amarelado, e logo acima esverdeado [...] naquela noite, de outra vida, de outro universo, de outro modo de caminhar (LISBOA, 2014. p. 93)”. A atitude de sair do vazio e escuridão interna ocasionada pelo luto faz Celina enxergar além do escuro externo e colorir os espaços e o céu de Kyoto.

Esses despertares são provenientes de movimentos por meio de lugares dinâmicos, possuídos de abertura para novas relações construtivas sem fim que possibilitam as idas e vindas e trocas de memórias. Dessa forma, tudo vai se tornando possível na viagem para o Japão, como o encontro de Haruki e suas raízes; da protagonista com seu passado pessoal e o passado de Bashô; e da cultura ocidental e oriental. Circunstâncias possibilitadas através das memórias e espaços que levam as personagens a entender e configurar o seu caminhar por meio do silêncio e solidão de Celina em Kyoto e de Haruki em Tóquio.

3 A VIAGEM DA MEMÓRIA AFETIVA COMO ESPAÇO POSSÍVEL

Tratar de afetos, viagens, memórias e não linearidade são alguns dos aspectos que aparecem na maioria dos romances brasileiros contemporâneos de autoria feminina. Adriana Lisboa apresenta a cidade e o ato de lembrar como elemento problematizador da construção da identidade da protagonista Celina em *Rakushisha*. A autora deixa visível por meio das ações de suas personagens o pretexto para o resgate de suas emoções através das viagens, sejam elas físicas ou psicológicas, para reconstrução de sua própria história.

A tentativa de fugir de seu cotidiano e de tudo que fizesse lembrar Marco e Alice é falhada ao chegar na cidade de Kyoto no Japão. Isso é evidenciado por meio das memórias que a acompanha e a faz lembrar da sua história no Brasil. O espaço funciona como um participante no processo de relembrar, pois corrobora com a elaboração dos lapsos da memória a partir dos deslocamentos e das inter-relações da protagonista. E é por meio dessas conexões de lugares e pessoas que o espaço romanesco se faz mais ativo e dinâmico, o que favorece olhar para as mulheres construindo a sociedade.

Partindo dessas considerações, as discussões de Suzuki (1979) sobre a vida errante do poeta Bashô será relacionada com a vida da protagonista Celina, com Henri Bergson (1999) as experiências em relação ao papel do corpo, as vantagens e desvantagens que são excitadas e representadas por meio do reflexo das imagens materiais a fim de entender como a protagonista trabalha suas lembranças, e Klinger (2014) com a sua terceira carta que servirá de ponte entre o diário da personagem, o ato de voltar para casa por meio da metáfora da casa afetiva.

3.1 A MEMÓRIA COMO RESGATE DO EQUILÍBRIO AFETIVO DE CELINA

O espaço é moldado pelos passos e lugares que tecem as personagens e com o desenvolvimento de novos territórios como a cidade, mulheres e homens saem do interior na busca de uma vida urbana. Mas infelizmente devido a sociedade patriarcal, a figura masculina é quem se vê na possibilidade de transitar livremente e por qualquer horário, consequentemente mapeando os espaços citadinos deixando em segundo plano a figura feminina. Como analisa Dalcastagnè (2012), as mulheres eram quase apagadas e quando apareciam no cenário da cidade eram por meio de imposições e se caso fossem acompanhadas em suas trajetórias urbanas o

desenho que formaria seria de personagens cansadas carregando sacolas de supermercado, empurrando carrinhos de bebês e desconfortáveis com as roupas e sapatos que usavam.

Celina, portanto, já surge na narrativa como moradora da cidade grande e sai por vontade própria para outro país para tentar uma nova vida. A viagem feita pela personagem significa uma possível transformação identitária enquanto migrante. Ela carrega na bagagem memórias não resolvidas e necessita se deslocar por outros caminhos para reconstruir sua história. Sua vida fica dividida entre o Brasil: o passado vivido com Marco e Alice, e Japão: o presente e futuro de transformação de si por superar a separação e deixar ir em paz sua filha. Porém, por meio das lembranças, o passado acompanha Celina na medida que ela circula pela cidade de Kyoto. Dessa forma, sua evolução está implicada em decisões e percepções que terá sobre suas memórias passadas.

A percepção é composta por lembranças, essa é resultado da interação do ambiente com o sistema nervoso. A partir do contato com os espaços de Kyoto, Celina é tentada a lembrar, trazendo à tona tudo que se encontrava submerso como a raiva que tinha pelo ex-marido e presença memorial da filha, ou seja, “a memória permite a relação do corpo presente com o passado” (BOSI, 1979, p. 9). A mente não só possibilita a recordação como também ocasiona a mistura de percepções passadas e presentes deslocando-as para ocupar a consciência.

A viagem da protagonista ao Japão com Haruki surge como fuga para o reequilíbrio da vida e o ato dela rememorar constrói possibilidades para que viva o que desejava com Marco e Alice, mas percebe que não é possível e ver que é necessário conviver com as cicatrizes deixadas pela morte da filha, continuando a andar para poder se equilibrar em meio ao caos. Portanto, assim como a protagonista de *Rakushisha*, Matsuo Bashô teve uma trajetória com muitos pesares, desde cedo adotou o título de viajante, buscava na efemeridade da vida motivos e formas para superar a solidão e a dor.

A protagonista faz deslocamentos tanto físicos quanto históricos pela vida do poeta. Primeiramente, porque ela percorre pelo mesmo trajeto recorrendo às atitudes que ele teve para superar momentos difíceis; segundo, por se aprofundar em um dado momento temporal para saber mais sobre a cultura oriental e a vida andarilha de Matsuo Bashô, essas atitudes se tornam meios para que ela se posicione diante do seu luto, que antes a consumia. Os espaços afetivos possibilitados pela viagem e a cidade vão lhe dando coordenadas para reconstruir sua identidade e encontrar objetivo para seguir existindo.

O interesse de Celina pela história de Bashô, se torna ainda mais forte porque Kyoto, cidade onde a personagem está, nasceu em 1644 o então inspirador filósofo. Trabalhava em um

cargo no feudo natal, mas não dava tanta importância e por isso inicia a escrita em *haikai*¹ com incentivo e companhia do seu amo, figura de grande destaque da escola Teitoku. Com o fim da vida deste, Bashô decide abandonar o cargo provincial, para se dedicar aos estudos do “*haikai* e áreas afins, como letras clássicas japonesas e chinesas” (SUZUKI, 1979, p. 40).

Acontecimento semelhante ao da vida de Celina, que antes era bordadeira, confeccionava bolsas de pano e teve a primeira produzida com a ajuda da sua filha, “a primeira bolsa de pano que fiz foi para Alice. Brincávamos de costura juntas [...] aquela bolsa trouxe todas as outras” (LISBOA, 2014, p. 92). Essa bolsa que tinha sido ponto de largada para fazer todas as outras e se profissionalizar nesse ramo, infelizmente teve fim após a morte repentina da sua primogênita, a protagonista decide deixar para trás essa profissão. Tinha desaprendido a andar, quem dirá continuar a fazer aquele trabalho iniciado com tanto amor, e agora em meio a mágoa o que mais lhe interessava era saber como voltar a sentir seu existir e como novamente andar.

Para lidar com as diferentes situações é preciso se apegar às referências e isso faz Celina. Além da viagem, ela estava em constante inspiração na leitura do diário de Bashô, este que escrevia em tom filosófico sobre as perdas de pessoas queridas e seu dia a dia em observação à natureza. A escrita do poeta causa identificação na vida de Celina fazendo surgir nela a coragem de não mais recuar a dor do luto. Sua memória afetiva faz com que ela transite com o poeta e atribua espaço psicológico para a presença dessa entidade, “que se permite ser sem estar” (SANTOS, 2001). Celina resgata suas memórias juntamente com as do poeta Bashô, ela faz uma viagem não só no seu passado como também no do filósofo.

A melancolia e o luto não superados antes da viagem, a fazia não querer viver, não possuía perspectiva de futuro e não sabia porque ainda estava presente no mundo material. Inexistia um próximo dia, as horas se congelavam, tinha parado no tempo, “o futuro não existia mais. O passado sim, embora fosse esfumaçado e móvel. Mas o futuro não” (LISBOA, 2014, p. 29). Vivia em constante sofrimento, sua existência tinha parado no momento que havia recebido a notícia sobre o acidente de seu ex-marido e sua filha. E mesmo com Marco tendo sobrevivido o que ela mais buscava era culpá-lo pela morte de Alice, pois era ele quem estava no volante do carro. Nada amenizava seu suplício, Celina em vez de procurar formas para superar, se resguardava alimentando a dor. Seguir em frente para ela era algo ambicioso, pois deixaria para trás um grande bem, um pedaço seu, sua filha.

¹ Poema curto e objetivo com grande carga afetiva de origem japonesa.

No entanto, a personagem entende que há decisões a tomar e persiste na caminhada pela cidade de Kyoto, a partir disso se mantendo sempre em circulação pelo ambiente nipônico ocasionando mudanças afetivas e a quebra da barreira que a impedia de ir para poder seguir. Ela então continuava a dar seus passos pela cidade japonesa na busca de encontrar algo que ainda não possuía significado e como ajuda para esse processo ancorava suas lembranças com as de Bashô.

Entre o desequilíbrio e equilíbrio da vida assim se coincidem as histórias da protagonista e do poeta, eram pessoas solitárias e sem família que se reconectaram como andarilhos. Ambos, saíram para outros lugares para ter anonimidade e se reconstruir com uma nova identidade, ou seja, foi preciso entrar em retiro físico e espiritual, retornando ao seu “eu” interior - entender o porquê de todo o sofrimento - para que de forma resolvida voltasse a olhar o seu lado exterior e perceber que nada é fixo, tudo é passageiro e que os momentos fracos surgem para fortalecer, e dessa forma, embarcam Bashô e Celina em suas viagens na busca por recomeços.

A visita de Celina à cultura do Japão atinge a cultura ocidental, sua memória vai se reconfigurando em novas lembranças se inferindo no seu modo de viver. Como explica Bosi (1979), é gerado através da memória-hábito novos costumes e formas de pensar, essas situações são adquiridas na medida que se convive com outros indivíduos ou espaços, ou seja, são heranças culturais. É, portanto, a forma da personagem legitimar a viajante que deseja ser, “arquivando” as memórias de sua casa afetiva e construindo novas por meio de outros lugares.

As pessoas são lembradas porque há a perpetuação de memórias através das que estão no plano material e isso garante a continuidade de suas histórias para se manterem presentes no tempo e espaço. Essas lembranças se espalham e se conservam pelos lugares para que ocorra o entrelaçamento entre novas, ou melhor, é por meio do contato com o espaço que serão ativadas as lembranças nele contidas. Nesse contexto é essencial traçar um paralelo entre a vida de Celina e do poeta para facilitar a compreensão da complexidade que é a personagem.

Bashô saiu para Edo para se restabelecer, entusiasmado se integra a escola de Sôin, que após sua chegada a instituição se propaga por todo o país, era então um grande nome do *haikai*. Mas há um momento em que a escola entra em declínio, segundo Suzuki (1979), por conta da busca descontrolada por comicidade que leva ao processo de anarquia e caos, havia a procura desenfreada por poetas e o mais famoso deles era Bashô. Esse impasse o leva a procurar outros caminhos e estilo de vida, retira-se da cidade onde muitos o conheciam para viver anonimamente e de sua solidão. Não queria mais sua popularidade, isso lhe afetava negativamente, desejava apenas praticar seu *haikai* por diversão. Dessa forma a personagem se

reconhece na história de Bashô porque decide escrever um diário e viver anonimamente em outro país.

Celina sai do Rio de Janeiro, porque sentia que lá nada mais lhe pertencia e para expressar seus sentimentos e ter autocontrole necessitava de espaço e de uma nova cultura, é só por meio da viagem que encontra o sentido e tudo se torna possível. É para espairecer, conhecer novos ares, ou seja, aproveitar ao máximo o plano material, pois assim como os dias, os meses e os anos o tempo humano vai passando. A personagem entende que tudo é formado a partir de movimentos periféricos e relata que agora sabe o real sentido da viagem: “essa é a verdade da viagem. Eu não sabia. A viagem nos ensina algumas coisas. Que a vida é o caminho e não o ponto fixo no espaço.” (LISBOA, 2014, p. 14). Só vai conseguindo perceber a efemeridade por meio dos ensinamentos deixados por Bashô, de que o único bem que se pode possuir é o ato de se locomover, de andar, viajar e inclusive motivo de estar viva mesmo sem ter mais a filha.

E ao se dar conta de como poderia usar a solidão ao seu favor, Celina assim como Bashô, escreve um diário de saga da sua viagem que inicia no dia 17 de junho e finaliza no dia 28 de junho, era um modo de se exercitar espiritualmente e aproveitar aqueles dias no Japão. Seu maior propósito era reaprender a andar, o importante era não parar, colocaria um pé e depois outro, quando percebesse estaria caminhando. Essa metáfora do reaprender a andar bastante usada pela personagem, servia também como mantra, era um meio de lidar com o luto e o início do andar na viagem e no mapa da cidade. Segundo Massey (2008), o mapa permite encontrar a localização do caminho, sonhar por meio dele alimentando a imaginação e possibilita as rédeas do mundo.

Celina toma como base para sua história pessoal a história do Japão e principalmente a de Bashô. Ela vai ligando a sua escrita do diário com a do poeta, relacionando os seus momentos vividos aos dele, estratégia essencial para sua transformação. A poética do diário de Bashô se transfigura em um mapa a fazendo entender seus sentimentos e a cidade onde está instalada.

A personagem adota uma vida errante e assim como o filósofo a sua fuga se passa na cidade de Kyoto. Era necessário transitar e ter relação profunda com a poética, passar pelo mesmo processo que o filósofo foi submetido - Bashô ia elaborando a poesia por meio de sua vivência incessante com o *haikai* e escrevia diversos diários de suas viagens, gênero memorialista - pois, para que pudesse gerar poesia era preciso cultivar uma alma pura, ter em mente uma busca de si. Portanto, “para Bashô, o *haikai* é um constante exercício espiritual, sendo que a viagem constitui a melhor escola para esse exercício. A viagem é a fuga da vida sedentária, é o desprendimento.” (SUZUKI, 1979, p. 45). Dessa forma agia Celina, queria se

desprender do seu passado de luto transcrevendo-o e se assumindo como uma eterna viajante em constante aprendizado.

O ato de escrever além de ser um exercício zen é também uma forma de Celina se comunicar para sair da bolha da incomunicabilidade e despertar um novo olhar. Sua nova percepção a faz reaprender a andar sem a filha e o ex-marido, pouco a pouco seus sentimentos vão sendo influenciados a adotar os registros japoneses como caráter pessoal. Sentir a oferta da presença de si mesma sem distrações e desacelerar dos afazeres do dia enxergando a preciosidade das coisas, os eventos naturais e novamente as cores através da minuscuidade de “um inseto da rua [...] seu corpo colorido e brilhante, bonito.” (LISBOA, 2014, p. 144). Os resquícios de escuridão deixados pelo luto da morte de Alice devagar vão cessando, e os mínimos detalhes vão sendo notados por Celina.

A sua mente e o espaço a sua volta vão se reconfigurando ao caminhar e exteriorizar a sua dor sobre morte, pois, não aguentava mais recuar o sentimento de não ter a filha viva, e quando se permite sentir essa dor, associa sua experiência em Kyoto ao seu passado, se estimulando a movimentar e passar a conhecer mais sobre seu corpo e processos executados por ele. A movência da personagem representa o espaço contemporâneo, através do seu “ver” é detalhado os modos e gestos da população de Kyoto, ela vai se percebendo em contraste com os japoneses: o modo de receber e entregar algo é sempre com as duas mãos; o caminhar deles que parece estar levitando a todo momento, o ato de tirar o calçado para entrar em uma casa ou templo.

O resgate das lembranças para enfrentar os momentos dolorosos da morte de Alice a faz assegurar a posse de si, voltando a ter suas ações e movimentos conscientes e não mais automáticos de alguém que apenas sobrevive. Dessa forma, o Japão é visto por Celina como um espaço à parte, como bem descreve sobre os japoneses: “eles me parecem sempre prontos a levitar, como se mal tocassem o chão, numa elegância impossível para um ocidental. Perto deles sinto-me excessiva, bruta e desajeitada.” (LISBOA, 2014, p. 87). Celina, portanto, passa pela experiência explicada por Bergson (1999), a semelhança entre os corpos faz perceber uma imagem muito importante e particular: o próprio corpo, esse é capaz não só de refazer o olhar sobre si, como também as imagens das pessoas e situações ao redor.

O espaço contemporâneo é entendido como conjunto de ideias, dinamicidade e heterogeneidade. Por meio dele reconhecer a coexistência de outras trajetórias históricas é ter noção da própria história possibilitando conexões e desconexões e assim formando as relações de estórias-até-então. Portanto, tudo vai se firmando quando a personagem vai fazendo o mesmo trajeto do poeta, seus pés já não passam a pesar tanto ao ponto de impedi-la de andar.

Suas articulações estavam voltando a perceber a noção de novamente caminhar e encontrar o “chão” que havia perdido quando Alice morreu.

Ao pensar em Alice, Celina tenta imaginar como ela ficaria calçada com as sandálias *zori*² que comprou, o evocar é tão forte que a protagonista cria um diálogo com a filha. Era então a presença de Alice nascendo interiormente em Celina e sua vida começando a se resignificar: “o planeta se solidificava conforme eu pisava nele” (LISBOA, 2014, p. 178). Cada vez que ia visitando os templos e se aproximando da Cabana dos Caquis Caídos³ suas afecções iam iniciando uma produção interior por meio dos estímulos exteriores, cada passo é uma lembrança e essa se torna uma resolução.

Ao se deslocar vai buscando nos espaços e nos objetos uma forma de conectar suas memórias, as imagens ao seu redor a faz perceber que seu corpo é carregado por outras imagens de seu país natal e sua família, e que também é um produtor de ações, tudo vai dependendo das mensagens que vão sendo enviadas para a mente e comandadas para que sejam executadas pelo corpo.

A prática de Celina em recordar faz a sua memória materializar as lembranças, era ainda um mistério entender toda essa conexão, pensava na filha estando em Kyoto, era algo tão forte mesmo depois de anos, mas mesmo assim ainda sentia como um bater de asas no ar “sacudindo imagens, cheiros, memórias, ideias, vontades, sacudindo o universo com a oscilação quase nada de suas asas quebradiças.” (LISBOA, 2014, p. 60). Era o encontro de sua consciência com o constante trabalho de exposição das imagens de seu passado não resolvido. Nota-se as suas afecções agindo, pois, a todo instante pensava em sua família por meio do seu movimentar pelas terras e caminhos nipônicos - aquele lugar calmo e sereno - que voluntariamente lhe ensina a lidar com a dor.

No entanto, o seu medo de cair pelas ruas de Kyoto por possuir o andar bruto ocidental, expressa o rancor que ainda tem pelo seu ex-marido, a todo momento Celina o culpa pelo acidente que matou Alice. Tentava entender em meio as lembranças de sexo e companheirismo o porquê de ter chegado a um fim tão trágico e repentino como a vida de uma libélula.

Inquietações que perturbavam seu corpo mesmo já tendo passado seis anos e excluído Marco de sua vida. Pensava nele em Kyoto como um mistério que a agarrava pelo pescoço e a sufocava mesmo tendo “rompido os elos, os laços, tudo aquilo que conduzia a ele. Menos a

² Chinelo tradicional japonês feito com “tira de junco, sola em formato de cunha” (LISBOA, 2014, p. 59).

³ Refere-se ao significado do título do romance em análise: “*Rakushisha*, 落: do verbo *ochiru*: cair, pronunciado como *Raku* 栞” (PINHEIRO, 2017, p. 24). “Pertenceu a Kyorai, e ali seu mestre Bashô hospedou-se pela última vez no ano quatro de *Genoku*, na décima oitava lua das *dêutzas*” (LISBOA, 2014, p. 183).

mágoa.” (LISBOA, 2014, p. 61), tudo que havia de bom tinha sido rompido: o que ligava a eles, sua filha e os laços matrimoniais, mas a mágoa não, para ela, Marco era o único responsável, pois ele quem estava no volante do carro no momento do acidente. Essa foi a imagem que ficou de Marco, ela ainda estava no processo do reaprender a andar, estava buscando se reconstruir, era doloroso, e, portanto, seguia pela sua trajetória nos espaços de Kyoto, e somente aos poucos seus passos iam tomando ritmo, os físicos e os da memória afetiva.

No caminho para a sua próxima visita histórica, Celina observa as jovens nipônicas muito vaidosas com cabelos longos, maquiadas e de salto muito alto, era sempre muito atenta às ocasiões ao seu redor. Celina, então se dá conta que encontrou seu destino: “chegou ao pequeno templo Koshindo [...] havia dezenas e mais dezenas de trouxinhas coloridas de tecido penduradas. Ela se aproximou [...] não eram trouxinhas, mas representações do macaco Kukurizaru” (LISBOA, 2014, p. 58). Esse macaco, com a ajuda do guardião Koshin-san, poderia realizar um pedido em troca do desfazer de um desejo, mas infelizmente fica não dito se a personagem se desfaz de algo para fazer um pedido.

Ao sair do templo *Koshindo* ela vê algumas crianças brincando em frente, essas crianças a fazem lembrar do encontro que propositou sua gravidez e quando vai entrando na loja de artesanato surge um *flashback* da sua primeira vez com Marco. Como reflete Vladimir Safatle (2018), o corpo não serve apenas como espaço para produzir afecções, ele é também produto delas. As afecções que circulam por esses espaços constroem no corpo da personagem uma geografia a fazendo resgatar os momentos mais intensos para rememorar e como estava buscando superar a mágoa do ex-marido, Celina tenta se apegar aos momentos bons que teve com sua família, e para ela uma das lembranças mais felizes era a do encontro com Marco que possibilitou ser mãe.

Como já mencionado a protagonista estava sempre atenta aos detalhes do espaço da cidade de Kyoto, estava pela primeira vez e tudo se tornava novidade. Era uma estrangeira em passeio por terras nipônicas e seu olhar cuidadoso sobre a paisagem a fazia dialogar com sua memória afetiva. Após sua visita ao templo *Konshido* Celina se direciona para uma loja de artesanato em Higashiyama e ao ver um par de sandálias *zori* deseja comprá-la, explica a vendedora que não era para ela e sim para uma menina de sete anos, a vendedora pede para uma criança provar para que Celina tivesse a certeza se era a numeração certa, e não só o objeto, como também a menina a faz lembrar de Alice.

Dessa forma, como menciona Bergson (1999), é no evocar e comparar das lembranças que surge o ato de mover-se pelo espaço e por meio das sensações, a percepção das decisões a

serem tomadas. Celina evoca no calçado e na menina a materialidade da sua filha para o dia de seu aniversário, no trecho:

hoje é o aniversário de treze anos de Alice, mas as sandálias zori foram para a Alice de sete anos, foram para Alice como ela se cristalizou naquilo que pudemos saber dela. Hoje não é o aniversário de treze anos de Alice. (LISBOA, 2014, p. 177).

A compra da sandália para Alice simboliza o apego da memória afetiva de sua filha viva aos sete anos e também a companhia dela nos seus próximos deslocamentos, queria ter algo para se apegar, satisfazer seu espaço psicológico. Ao fazer o exercício de rememorar as lembranças de sua família, em especial de Alice, Celina transpõe mais uma vez a barreira lógica de sua realidade compondo com suas imagens afetivas, numa tentativa de esquecer a mágoa do luto e do ex-marido. Mas isso, por outro lado, faz com que ela passe por um processo mais longo de autoconhecimento até perceber os propósitos de sua vida para uma nova trajetória.

A viagem se configura como embarque para uma nova vida e a personagem a adota como fuga das lembranças da sua perda evocadas pelo seu cotidiano. No entanto, percebe que mesmo se afastando do seu país natal a memória do luto e a mágoa do ex-marido insiste em acompanhá-la, mas ao encontrar o prazer de viajante resgata a vontade de viver e a possibilidade do reencontro de si. Portanto, o olhar estrangeiro despertado em Celina e o contato com Bashô a faz entender que a vida é um caminho que os coloca sempre em viagem e por meio dela se pode aprender muitas coisas, que não há ponto fixo e os desencontros são mais pertinentes do que os reencontros.

3.2 NO LIMIAR DO LEMBRAR E DOS ESPAÇOS É VOLTAR PARA SI

Os espaços contemporâneos são configurados por afetos e encontros que podem acontecer de forma boa e/ou ruim, só depende do grau potencial que o indivíduo será afetado. Os bons fortalecem e aumentam a potência de agir resignificando em um estado espiritual de alegria, enquanto, os ruins diminuem a força do agir e enfraquecem as relações. Nesse último estado se encontrava Celina em sua casa no Rio de Janeiro, por ter sido afetada por sentimentos ruins da notícia do acidente que matou sua filha. Ela começa a buscar a si ao sair de sua casa e se relacionar com os outros a sua volta, sua existência passa a se destacar ao viajar e se deslocar pelos espaços de Kyoto. Como diz Safatle (2018), um corpo quando é encontrado em desamparo, conseqüentemente entrará em processo de des-indentificação e desposseção, tornando-se um errante sem lugar fixo.

À medida que ia se mobilizando e registrando suas lembranças por meio do diário, Celina se distanciava do seu passado amargo. A escrita servia como cura e construção de novas memórias através dos espaços pluralizados e permeados de afetividades. Eram os seus últimos dias na viagem, teria que ir para casa no Rio de Janeiro e não queria levar de volta os sentimentos ruins. Seria necessário cumprir o percurso até a cabana do poeta para acessar e se permitir sentir suas lembranças reprimidas e finalmente se libertar para começar a entender seu presente e futuro, pois, por mais que viajasse por lugares diferentes, essas lembranças se não fossem resolvidas iriam acompanhá-la negativamente.

Ao iniciar finalmente o caminho para a *Rakushisha* – cabana dos caquis caídos que hospedou o poeta – Celina intensifica a busca por si, fazendo o avanço da sua viagem interior. Sua caminhada representa a despedida constante e a reconfiguração das suas memórias afetivas, tudo vai sendo experimentado por meio da intimidade que cria com o espaço exterior: “De bicicleta cruzou o parque Arashiyama vendo os poucos turistas japoneses [...] ela pedalava, e pedalava, e atravessava o rio Ōi e as pedras lavadas pela água” (LISBOA, 2014, p. 173). As inter-relações e a produção de afetos sempre em aberto proporcionadas pelo espaço dinâmico ocasiona um processo de trocas. Portanto, a cultura espiritual oriental se tornou uma ponte de equilíbrio para que a personagem soubesse lidar com o luto, ela estava adotando a leveza e delicadeza através da essência de ser japonês.

No dia 23 de junho ela escreve em seu diário que comprou uns papéis de origami e junto veio as instruções de como construir um *tsuru*⁴, tratava-se de mais uma etapa de sua transformação, usando a metáfora do processo de construção ela diz: “escolhi uma folha azul e fui unindo cuidadosamente as pontas.” (LISBOA, 2014, p. 103). Estava construindo um pássaro de origami, símbolo de peregrinação da cultura japonesa, cada dobra significa um pedido realizado e a rarefação do peso em sua consciência, como também a sua própria peregrinação. Era peregrina, assim como Bashô, ela transitava por coincidências da vida para resolver sua dor.

Após, a citação acima Celina em seu diário cita um trecho do poeta “se não fosse a solidão, a tristeza me destruiria” (LISBOA, 2014, p. 104). Os sentimentos de raiva que tinha por Marco por conta do acidente, eram tão enraizados que muitas vezes parava a sua história no diário e complementava com um *haikai* de Bashô: “cheio de pesar/ Traz-me a solidão – /Cuco das montanhas” (LISBOA, 2014, p. 105). A escrita do poeta é usada para somar com a

⁴ O *tsuru* é uma ave sagrada do Japão, símbolo da saúde, da boa sorte, felicidade, longevidade e da fortuna.

da personagem e dizer que a solidão de ambos fortalecera, para que pensassem mais sobre si e falassem através da escrita.

Era preciso ser forte e escrever para saber lidar com suas lembranças, para quando retornasse ao seu país natal ter uma nova percepção de como viver o luto. Sua casa do Rio de Janeiro será apenas ponto de encontro para suas memórias afetivas com a família, era uma eterna viajante e não mais se fixaria. Na narrativa contemporânea viajar permite destacar a existência da personagem: “esse é o movimento da literatura: sair, retornar. Sair da casa, da linguagem, da estrutura, da comunidade, do conforto, do lar. Sair, retornar e fazer desvios. Desertar.” (KLINGER, 2014, s/p). Seu papel de viajante já tinha sido assinado; seu “eu” estava sendo encontrado. Celina era uma alma órfã em constante procura por lar, não para morar e sim para mapear as suas várias formas de aproveitar e se identificar com as situações efêmeras da vida, era uma passageira com o passaporte sempre pronto.

No dia 24 de junho se questiona sobre o que teria acontecido se não fosse o embarque para o Japão “E se Haruki e eu tivéssemos entrado em vagões diferentes de metrô [...] e se eu não tivesse visto o livro nas mãos dele (LISBOA, 2014, p. 124) é a retomada de sua consciência. Ela volta a se importar consigo e percebe o quanto evoluiu, tem agora, a compreensão do seu presente, enquanto seu passado escuro vai sendo deixado, esse é o propósito da viagem, substituir suas antigas memórias por novas.

Segundo Vasconcelos Leal (2008), a força é expressada através do “dizer do indizível” por meios das astúcias da narrativa contemporânea: o corpo e os sentidos. A personagem feminina de *Rakushisha* mostra sua força por meio do caminhar e do recordar. Ela usa o corpo para se movimentar e a todo momento se conectar as coisas que a cerca, feito isso seus sentidos são responsáveis pelo resgate da memória, pois, ao sentir imediatamente saberá qual a lembrança que pode resgatar, ou seja, para que o estímulo se produza é preciso contato com o objeto. Portanto, a inter-relação com outras culturas, outras pessoas e a memória de Bashô proporciona conhecer-se interiormente e a compreender a necessidade de andar.

Dessa forma, como diz Bergson (1999) a percepção é construída de lembranças dos dados imediatos presente misturada a experiências passadas. Esse trabalho é feito pela personagem em seu processo de amadurecimento: há seis anos, tentava reprimir sua dor, tinha receio em senti-la. Esse medo é registrado no dia 24 de junho em seu diário, após a queimadura: “a dor apareceu na sua vida como um monstro saltando do armário. O jacaré escondido debaixo da cama, que poderia morder sua mão, se a deixasse para fora do lençol.” (LISBOA, 2014, p. 129). A metáfora usada para expressar a dor da protagonista, demonstra o quanto evitava doer

e se conformar com a morte da filha, e assim fazia como uma criança quando estava com medo se escondia debaixo do lençol em sua cama.

Sua percepção sobre a dor muda no momento que sofre uma queimadura na mão ocasionado por uma chaleira quando preparava um café. Ao sentir arder automaticamente lembra da dor que evitou quando perdeu a filha, era algo indesejável, e para não sentir, vivia por meio do auxílio de analgésicos. Celina passa a refletir ainda mais sobre o seu passado e a compreender que a dor é uma grande armadilha que ninguém nunca estará preparado para lidar, mas é preciso cedo ou mais tarde encará-la, pois, por mais que se recue ela vai estar sempre a esperar.

Segundo Safatle (2018), o estado de melancolia pode despertar afetos como medo, raiva ou ressentimento de algo ou alguém que deixou de fazer parte da vida do sujeito e cada corpo possui seu próprio tempo para entender que é necessário deixar ir. Dessa forma, é por meio da dor que é causado o processo de desprendimento e é então chegado o momento para a personagem: “esse é o grande engodo. Minha dor é minha: marca na pele, feito vermelhidão da queimadura. Existe como visita na sala de estar. A dor, a senhorinha sentada no canto do sofá.” (LISBOA, 2014, p. 128). Celina narra sobre sua dor por meio de uma metáfora, ela fala de alguém que vai estar sempre à espera-la e vigiá-la e que não vai embora enquanto ela decidir enfrentá-la.

A personagem se encontra dividida entre os espaços do presente e passado, e para poder transpor esse momento de melancolia e tristeza, teria que encarar “a senhorinha dor” revivendo as memórias com sua família até a ruptura, é “a partir do momento presente que há a possibilidade de recorrer ao passado” (SILVA, 2017, p. 58). Celina observava sua mão queimada e começava entender como é sentir dor e que a vida não é só de momentos bons, mas também de momentos ruins que não dá para escapar. E assim se questionava “por que não se submeter ao que dói, ao que é indesejável, feio, risível, ridículo.” (LISBOA, 2014, p. 129). Ela entende que não tem mais como fugir e para expressar a notícia repentina a caracteriza como um animal feroz que chegou de arrebatado para atacá-la.

Dessa forma, os acontecimentos vão sendo narrados de acordo com os fragmentos da memória de Celina, ao ir se aproximando da *rakushisha*, lugar onde Bashô viveu e escreveu seu último diário. A personagem vai guiando o leitor(a) a entender seu passado junto com ela. No dia 27 de junho escreve em seu diário que talvez tenha desaprendido a chorar, mas era preciso para que pudesse ultrapassar mais uma fase da sua transformação, teria que cumprir esse ritual, exteriorizar sua mágoa para esvaziar seu interior. Sua mágoa já havia criado raízes, por isso seu corpo resistia aos sentimentos, mas mesmo assim ela não desiste e diz

tentei. Fechei os olhos e tentei. Quem sabe imersa ali, no elemento irmão, eu pudesse voltar a produzi-las, a convencer as glândulas a interromper sua greve, seu retiro, a lutar contra sua disfunção. (LISBOA, 2014, p. 165)

O elemento irmão que Celina se refere é a tática de Bashô em se conectar totalmente com o silêncio e se concentrar somente nos fenômenos da natureza e de seu corpo, queria voltar a produzir suas lágrimas e por isso afunda a cabeça na água buscando convencer suas glândulas, mas infelizmente permanecem em “greve”.

Depois de tanto tempo sem se comunicar por não ter conhecimento da língua, Celina encontrava-se em contemplação com seu silêncio. Era um exercício de evolução da mulher que veio do Brasil aliada com a que se tornou em contato com o Japão e o poeta Bashô: “sua voz parecia um casulo de uma borboleta dentro da garganta, operando alguma espécie de transformação interna.” (LISBOA, 2014, p. 171). Como uma mariposa, Celina estava se preparando para o dia do voo libertário, e enquanto isso, ia equilibrando sua voz com as mínimas trocas de palavras e pedidos fugazes em balcões.

Os deslocamentos finais para chegar à cabana é configurado de reaprendizagens. Para a protagonista não passava de um mito – não esquecer o que havia aprendido – sua dúvida era saber se ainda conseguia andar de bicicleta, mesmo assim aluga uma para chegar ao seu destino. Estava se tornando uma nova mulher se permitindo a aventuras e inteiramente só em uma viagem.

No caminho tudo era quase penumbra, mas mesmo assim seguia, passou por uma placa que desejava a prevalência da paz e depois disso o mundo era todo seu, “só dela e da pequenez de seu veículo de duas rodas” (LISBOA, 2014, p. 174) e inconscientemente vinha a lembrança de Alice, a menina que gostava de andar de bicicleta, porém ao mesmo tempo Celina se questionava “como era possível pensar em Alice, conformar-se em reduzi-la a um pensamento.” (LISBOA, 2014, p. 174) era mais uma dúvida que buscava saber e só encontraria respostas quando chegasse na rakushisha.

O dia da visita de Celina foi um dia atípico, o templo estava vazio, e assim ela ficaria mais à vontade. No dia 28 de junho a personagem registra em seu diário a chegada a cabana dos caquis caídos, era, portanto, o local que finalizaria sua peregrinação e seu luto. O choro que buscava antes só é despertado ao chegar na cabana, involuntariamente “escorre pelo seu rosto aquela água salgada de uma estação interna de chuvas, sua íntima *tsuyu*⁵, que se inaugura agora.” (LISBOA, 2014, p. 180). Celina, agora externiza a sua dor por meio do choro. A

⁵ “*Tsuyu* é uma palavra sazonal que expressa as chuvas da passagem da primavera para o verão” (PINHEIRO, 2017, p. 117).

narração em terceira pessoa faz uso de figuras de linguagem: usa uma metáfora em relação a estação *tsuyu* que representa as chuvas atrasadas no Japão e o efeito de hipérbole para expressar o choro que desaba no corpo da personagem.

Sua chegada é marcada pelo contato pleno com o vazio zen para resolver de vez suas lembranças. Seu estado de consciência é finalmente amadurecido e o seu passado enfim cai ao entrar na *Rakushisha*. No entanto, seu reerguer só é finalmente consagrado quando decide perdoar Marco. Em uma bilheteria próxima, escolhe uma caligrafia que reproduz o último *haikai* de Bashô que dizia: “chuvas de verão/ papéis arrancados/marcas nas paredes” (LISBOA, 2014, p. 192). Ela embrulha a mensagem junto com o nome do seu ex-marido e guarda em um envelope que estava escrito “me desculpas” (LISBOA, 2014 p. 186). Dessa forma, Celina se desfaz da mágoa do seu ex-marido e da melancolia do passado após o incidente. De agora em diante seria considerável lembrar somente das memórias boas que viveu com Marco e sua filha Alice.

O cotidiano do Japão está sempre em semelhança e proximidade com a vida da protagonista. O cair das suas lágrimas acontece em paralelo com a estação das chuvas que estavam atrasadas, no momento que vai saindo da cabana dos caquis caídos: “Celina sente a chuva fina que começa a cair enquanto folheia seu diário, enquanto guarda-o, e o envelope com a caligrafia, dentro da mochila.” (LISBOA, 2014, p. 187). Tanto o choro quanto a chuva simbolizam a anulação e purificação das suas lembranças internas e externas, já o diário representa a eternização da sua passagem no Japão e suas memórias com a família. Portanto, “é preciso muita força para ser nômade ou bárbaro. Para andar.” (KLINGER, 2014, s/p), Celina então encontra o sentido da viagem: que a vida é efêmera e o único talento que se pode possuir é o de viajar.

No contemporâneo, em especial na literatura de autoria feminina, a mobilidade é uma característica que predomina nos discursos para enfatizar os deslocamentos físicos, psicológicos, culturais e afetivos das personagens, todos esses possibilitados por meio da viagem que propicia a relação entre os corpos e problematiza a homogeneização de gênero e imposição de limites territoriais. Dessa forma, a personagem construída na narrativa de Adriana Lisboa é uma mulher que é possibilitada de transitar pelo espaço dinâmico da cidade sem imposições ou limitações de seus deslocamentos e emoções. A autora ainda aproxima as histórias de vida da bordadeira com a de Matsuo Bashô demonstrando a capacidade feminina de escrever e se mobilizar por espaços antes reservados apenas para homens.

Os deslocamentos feitos pelos espaços e cultura estrangeira proporcionaram a personagem rememorar os momentos da vida que teve no Brasil, pois foi necessário se

relacionar com outras pessoas além do seu cotidiano para perceber a imensidão do mundo e compreender-se interiormente para despertar a capacidade identitária de se relacionar. O movimento de aproximação entre os dois países por meio das memórias de Celina possibilita pensar o quanto se diferencia das narrativas de imigrantes que sempre foram construídas de forma homogênea, apagando as mulheres protagonistas nas viagens da história literária.

4 CONCLUSÕES POSSÍVEIS

Quando iniciamos a presente pesquisa constatou-se a urgência em contribuir para os estudos de autoria feminina com narrativas literárias que protagonizasse mulheres. Portanto, a obra de Adriana Lisboa oportuniza ir além, ela nos faz entrar em contato com a personagem que não está delimitada a romantização do espaço do lar com a família, mas sim traz um contexto real de uma mãe que sofre com a dor de ter perdido a filha e indignada se separa do marido, passando a se adaptar aos impasses da vida e não se fragiliza por viver sozinha. Dessa forma, foi importante estudar sobre os deslocamentos e memórias da protagonista, para tanto tomamos como foco no romance a categoria espaço em contexto literário contemporâneo, é ele quem possibilita a dinamicidade de caminhos percorridos, o encontro de múltiplas trajetórias e a reconstrução da vida da personagem que acontece por meio da viagem.

Percebemos que os espaços do romance juntamente com as atitudes da protagonista permitem liberdade para decidir viajar e se distanciar do seu cotidiano na tentativa de fugir das memórias de sua casa afetiva, porém os seus deslocamentos por outros lugares são marcados pela rememoração de suas lembranças do passado. No Japão, Celina passa a sentir conseqüentemente em suas relações afetivas as emoções retraídas da morte de sua filha Alice. As memórias afetivas pelos lugares são responsáveis pelas coordenadas da vida de Celina, estas se passam em diferentes momentos, período antes da morte de Alice quando tudo era felicidade e fazia sentido para a protagonista e depois o período do trágico acidente que fez “seu mundo” desmoronar desestruturando sua família.

Observamos que a memória muitas vezes resgata situações reais, outras criadas e algumas afetivas. A personagem Celina entende que a vida não acaba quando deixamos alguém partir, as memórias ficam para que a pessoa não seja esquecida e estas acarretam sua permanência na sociedade. A personagem muda a perspectiva sobre a sua casa afetiva, afinal não é preciso ter medo para retornar, ou seja, a sua casa não é uma prisão de lembranças negativas, mas sim um lugar de encontro das memórias felizes com sua família. Foi nela onde tudo começou e o mais importante de todos seu ponto de partida para seguir sua vida.

Apontamos ainda que o espaço contemporâneo também segrega, além de “globalizar” e possibilitar a imigração da protagonista. Celina passa a transitar, destacando-se por outros lugares além do Rio de Janeiro. E ainda a motiva interagir e se relacionar com a cultura e povo japonês, principalmente com o poeta Matsuo Bashô. Os espaços da cidade de Kyoto são

alargados por meio dos deslocamentos de Celina para chegar à Cabana *Rakushisha* e transformar a sua identidade como viajante e escrever uma nova trajetória de sua vida.

Portanto, é justamente através do ato de resgatar fragmentos de memória de sua vida no Brasil que os leitores passam a conhecê-la antes da viagem no Japão, a personagem além da viagem física também viaja psicologicamente, ela dá oportunidade aos que leem a sentirem junto suas memórias e sensações evocadas por meio da experiência pessoal de estar pela primeira vez em solo nipônico. Inicialmente Celina viaja apenas na tentativa de retrain suas lembranças, mas o contato com outras vidas ressignifica a vontade de viver novamente. E por mais que não quisesse retornar as suas memórias de dores por medo de uma recaída depressiva, o desamparo causado pelo luto só pôde ser superado quando revisitou o seu passado.

A relação entre Celina e Haruki não acontece de forma amorosa ou por atrações sexuais, a protagonista até relata em algumas passagens da narrativa, a liberdade que ambos tinham quando ficavam a sós no apartamento em Kyoto durante a viagem, eles dividiam não só o mesmo quarto como também dormiam na mesma cama. Mas por razões próprias a protagonista decide não se dá ao luxo de ter relações sexuais e muito menos se envolver em um novo relacionamento depois de tudo que havia ocorrido em sua vida. As personagens eram apenas parceiros de viagem coincidentemente juntadas pelos empecilhos da vida, não só Celina tinha coisas a resolver como também o descendente nipônico Haruki. Ela queria dispersar suas memórias dolorosas, enquanto ele buscava conhecer a história de seus antepassados que também se fazia sua.

Tudo isso se torna possível na vida das personagens por seguirem a trajetória do poeta Matsuo Bashô pelas cidades de Kyoto e Tóquio, essa que surge não apenas para inspirar e escrever um diário ou ilustrar uma obra em uma versão português, mas sim para ressignificar as histórias das personagens no romance. A vivência no Japão e a leitura da saga da viagem de Bashô proporciona o amadurecimento da protagonista para saber lidar com as dores do luto, e por isso decidiu desbravar o mesmo caminho feito pelo poeta décadas atrás. Os afetos existentes nesses espaços percorridos por Celina refletem a sua trajetória por meio de suas memórias e a cada passo dado foi resolvido algo do seu passado. A partir do legado do poeta, Celina aprende que a viagem traz vários ensinamentos, um deles é que a vida andarilha possibilita perceber que o mundo material é um caminho e não o ponto fixo no espaço.

Assim, a temática apresentada nos faz pensar no campo de liberdade oportunizado pelo espaço contemporâneo literário, a autora de *Rakushisha* mostra a partir de sua personagem os territórios antes limitados aos homens, Celina se desloca entre espaços, culturas e países distintos sem ser impedida ou questionada. Bem como também, nos conduz a refletir sobre

questões a respeito do corpo e da mente por meio das emoções e experiências evocadas no espaço citadino japonês. Porém, só foi possível desenvolver os propósitos deste estudo a partir de possibilidades analíticas impulsionadas pela leitura cuidadosa e interpretativa da obra literária e de textos teóricos. Portanto ainda há uma amplitude e diversidade de temas que podem ser suscitados e trabalhados a partir do texto literário de Adriana Lisboa, tendo em vista que tais obras contemporâneas são repletas de assuntos do contexto real.

Sendo assim, *Rakushisha*, além de ser uma das principais obras de Adriana Lisboa, é também fundamental para o entendimento de aspectos sociais que estão presentes no cotidiano brasileiro. Através dessa obra a autora apresenta os percalços de personagens que enfrentam diferentes momentos difíceis em suas vidas, dentre elas, a imigração. A inserção da viagem na história da autora une, não somente pessoas que moram distantes, mas histórias que são comuns. Por fim, o medo e desamparo que mantinha Celina presa por tanto tempo se desfaz no processo de autoconhecimento e na sua cartografia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. Mobilidades culturais, geografias afetivas: espaço urbano e gênero na literatura contemporânea. In.: DALCASTAGNÈ; LEAL, V. (orgs.). **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre (RS): Zouk, 2015, p. 15 - 39.
- BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. Tao: São Paulo. 1979.
- DALCASTAGNÈ, R. **Espaços possíveis**. In.:_____. Literatura brasileira contemporânea. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012, p. 109 – 145.
- KLINGER, D. Terceira carta: voltar para casa. In.:_____. **Literatura e ética**: da forma para a força. Rocco digital, 2014, 60 – 61.
- LEAL, V. **As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro**: uma relação de gênero. 2008. 243 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- LEÃO, R. **Tudo nela brilha e queima**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.
- LISBOA, A. **Rakushisha**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- MASSEY, D. Proposições iniciais. In.:_____. **Pelo espaço**: uma nova política pelo espaço. Trad. Hilda Maciel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008 p. 29 – 37.
- PINHEIRO, S. **A gravidade do efêmero**: prosa-haikai em rakushisha de Adriana Lisboa. 2017. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017.
- PIRES, M. Em viagem: sobre outras paisagens e movimentos no romance contemporâneos. In.:_____. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. n. 43, p. 389 - 403, jan./jun. 2014.
- SAFATLE, V. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2. ed. rev. 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SANTOS, L. Espaço e literatura. In.: _____. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais:** introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 67 – 78.

SILVA, Mirian Cardoso da. **De nômades e exilados:** (re)construção de identidades em *Rakushisha e hanói*, de Adriana Lisboa. 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

SUZUKI, Teiiti. Bashô e sua Poética. **Revista do Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 2, p. 41-48, 1979.

VEJMEKKA, M. O Japão na literatura brasileira. In.: _____. **Estudos de literatura brasileira contemporânea.** n. 43, p. 213-234, jan./jun. 2014.